

POR QUE OS HOMENS PARTICIPAM MENOS DA DIVISÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO? UMA DISCUSSÃO A PARTIR DAS SUAS PRÓPRIAS PERCEPÇÕES

WHY DO MEN LESS PARTICIPATE IN THE DIVISION OF DOMESTIC WORK? A DISCUSSION FROM YOUR OWN PERCEPTION

Fabiana de Fátima Matos Queiroz Ribeiro

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas
fabiana_fatima@hotmail.com

Carolina Maria Mota-Santos

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas
cmmotasantos@gmail.com

Antônio Carvalho Neto

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas
carvalhoneto@pucminas.br

Manoel Bastos Gomes Neto

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas
neto26bastos@gmail.com

Submissão: 22/08/2022

Aprovação: 28/04/2023

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as percepções de homens trabalhadores, pais, casados e qualificados sobre a divisão das atividades domésticas quando se compara à dedicação da companheira que também trabalha. Trata-se de um estudo qualitativo, um estudo de caso. Foram realizadas 25 entrevistas semiestruturadas e analisadas com base nas técnicas de análise de conteúdo. O trabalho expande a discussão referente a dificuldade dos homens em enxergarem as tarefas domésticas que precisam ser realizadas. Os achados também agregam novas informações à literatura quanto aos motivos que levam os homens a participarem menos da divisão do trabalho doméstico. O presente estudo amplia o debate sobre os papéis sociais, realizados tanto por homens como por mulheres, o qual é de vital importância rumo à equidade de gênero no ambiente de trabalho e no lar. Observa-se a carência de estudos na área da administração que busquem entender o significado da masculinidade do ponto de vista do homem no contexto atual, explorando as esferas do trabalho, da família e como essas percepções refletem nas teorias atuais e nas relações.

Palavras-chave: Masculinidade. Espaço do lar. Divisão de tarefas domésticas.

ABSTRACT

This article aims to analyze the perceptions of working men, fathers, married and qualified about the division of domestic activities when compared to the dedication of their female partners who also work. Is a qualitative study, a case study. Twenty-five semi-structured interviews were carried out and analyzed based on content analysis techniques. The work expands the discussion regarding the difficulty of men in seeing the domestic tasks that need to be performed. The findings also add new information regarding the reasons that lead men to participate less in the division of domestic work. The present study expands the debate on social roles, carried out by both men and women, which is of vital importance towards gender equity in the workplace and at home. There is a lack of studies in the area of management that seek to understand the meaning of masculinity from the point of view of men in the current context, exploring the spheres of work, family and how these perceptions reflect on current theories and relations.

Keywords: Masculinity. Home space. Division of Domestic Tasks.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente a figura masculina foi vinculada à ideia do espaço público, da força, da autoridade, referência nos assuntos da lei e independência. Enquanto a figura feminina foi atrelada ao espaço privado, ao amor maternal, à vida de cuidado com os familiares e abdicação de suas próprias ambições (ECCEL; GRISCI, 2011; ROCHA-COUTINHO, 2004; CALÁS; SMIRCICH, 1999), sendo o papel social feminino relacionado exclusivamente aos filhos, à casa e ao marido (D'INCAO, 2015). No entanto, os movimentos feministas proporcionaram mudanças significativas nas formas de representação dos papéis sociais de homens e mulheres, questionando o modelo de masculinidade tradicional, a naturalização dos papéis e na luta pela igualdade de direitos civis (SILVA; SANTOS, 2016; BRUSCHINI; PUPPIN, 2004; CISNE, 2014; SARTI, 2004).

Neste contexto, observa-se o aumento da mão de obra feminina no mercado de trabalho e maior dedicação em prol do crescimento profissional (BRUSCHINI, 2007). Somado a isso, verifica-se a ruptura da estrutura familiar tradicional (BIASOLI-ALVES, 2000), com a perda do status masculino de único provedor do lar (CREPALDI et al., 2006; FLECK; WAGNER, 2003), a redução do número de filhos (impulsionada pelos métodos contraceptivos), alterações nos relacionamentos afetivos na família e percepção do espaço privado e público para todos (GOMES; RESENDE, 2004; SILVA; PICCININI, 2007). Essas mudanças alteraram a realidade e as estruturas das famílias (FIORIN; OLIVEIRA; DIAS, 2014), impactando também na maneira e na identidade de “ser homem” (FRIEDMAN, 2015; CARMO, 2010; SILVA, 2000).

Ademais, as reivindicações femininas fizeram com que os homens se deparassem com os novos papéis sociais e sexuais instituídos a partir da “crise do masculino” (MONTEIRO, 2000). Neste sentido, alguns autores (CARRIERI et al., 2013; WELZER-LANG, 2011; ROCHA-COUTINHO, 2004) opinam que, apesar de os homens receberem uma série de privilégios sociais apenas por serem homens (DEL PRIORE, 2013), há também a incidência de cobranças pelo mesmo motivo (WELZER-LANG, 2001). Como às dúvidas a sua capacidade de prover a família (MATOS, 2001) e a necessidade de afirmação de sua orientação heterossexual (SILVA, 2016; BADINTER, 1993).

Essas mudanças sociais e questionamentos correlatos à masculinidade tradicional foram importantes para que fossem repensados a percepção de masculinidade e seus impactos na sociedade. Diante disso, vislumbrou-se a importância do tema nos dias atuais e a necessidade

de averiguar possíveis mudanças no comportamento masculino em relação à atuação no âmbito doméstico e profissional, devido à nova realidade vivida. Este artigo busca analisar as percepções de homens trabalhadores, pais, casados e qualificados sobre a divisão das atividades domésticas quando se compara à dedicação das companheiras que também trabalham, explorando como estas percepções podem ajudar em uma melhor reflexão sobre as teorias atuais e as relações sociais.

Apesar de os estudos sobre masculinidade receberem contribuições de diversas áreas, poucos estudos se concentram sob o viés das perspectivas masculinas. Assim, a presente pesquisa amplia a discussão teórica sobre gênero, trabalho e família, promovendo reflexões sobre as percepções de masculinidade, seus impactos para as organizações diante da dupla ou tripla jornada, maior inserção feminina no mercado de trabalho e das novas responsabilidades e divisões do trabalho doméstico. Além disso, este trabalho também se justifica na sua originalidade, pois diante da extensão da busca bibliográfica empreendida (portais ANPAD, SPELL e base de dados SciELO) não foram encontradas publicações que buscassem entender as percepções dos homens diante das esferas do trabalho e da família. Estudos mais recentes dedicam-se a compreender a masculinidade hegemônica diante das questões de lazer (CASTRO; SIQUEIRA, 2020), saúde (SEPARAVICH; CANESQUI, 2020), pandemia e aspectos sociais relacionados a comportamentos violentos e suicídios (SANTOS et al., 2021; BAÉRE; VALESKA, 2020).

2 Casa, Comida e Roupas lavadas, mas quem faz tudo isso?

A divisão das tarefas domésticas, muitas vezes, é fonte de conflitos, visto a sobrecarga da mulher, que ainda aparece como a grande responsável por essas atividades, mesmo quando ela também trabalha fora de casa (MOTA-SANTOS et al., 2019; ZANELLA; ROSE, 2019; FOSTER; STRATTON, 2019; CERRATO; CIFRE, 2018; COURTENAY, 2009; NASCIMENTO et al., 2009). Pode-se inferir que a mulher é percebida como a mantenedora da ordem das tarefas da casa, já o homem permanece com o papel de um apoio, uma vez que não se encarrega das responsabilidades (QUADLIN; DOAN, 2018; FIORIN, OLIVEIRA; DIAS, 2014). Essa sobrecarga, em termos numéricos, manifesta-se como sendo pelo menos o dobro do trabalho executado pelo homem (JABLONSKI, 2010).

Dados do IBGE (2010) revelam que as mulheres gastam em média 21,8 horas em atividades domésticas durante a semana, enquanto os homens gastam, em média, apenas 9,1 horas semanais. Percebe-se que após 9 anos houve uma pequena alteração na participação masculina, pois se mensurou que as mulheres ainda gastam, em média, 21,4 horas semanais com os afazeres domésticos, enquanto os homens despendem, em média, 11 horas por semana (IBGE, 2019). Essa percepção de desigualdade é corroborada por pesquisas internacionais, tal como a de Amorós, Múniz e Donoso (2019), realizada na Espanha, Argentina e Chile, que apurou que 70% do trabalho doméstico são executados pelas mulheres. Da mesma forma, Arnold *et al.* (2018), em 34 países, também constataram o trabalho doméstico sendo realizado em sua maior parte por mulheres, que despendem entre 11,5 e 27 horas semanais em tais atividades.

Estudos recentes afirmam que esta diferença é ainda mais acentuada para mulheres negras (PICANÇO et al., 2021), e que o contexto pandêmico da COVID-19 impactou diretamente na sobrecarga de trabalho para as mulheres nas diferentes esferas e classes sociais (SOUZA; MACHADO, 2021; LEMOS et al., 2020). Ademais, observa-se que, enquanto a mulher se iguala ao homem na distribuição de mão de obra para o mercado de trabalho, não ocorre, proporcionalmente, aumento da participação do homem nas responsabilidades do lar. Por essa razão, o trabalho doméstico, que não gera renda, ainda é motivo de sobrecarga para a mulher (JUNG; O'BRIEN, 2019; FRIEDMAN, 2015; ARRUDA; LIMA, 2013; BORSA; NUNES, 2011; NASCIMENTO et al., 2009; PERISTA, 2002).

Além desse desequilíbrio nas atividades domésticas, estudos apontam que aos homens são delegadas tarefas consideradas enaltecidas, que propiciam o reconhecimento e status, enquanto às mulheres cabem aquelas atividades atreladas à pouca valorização (CARRIERI et al., 2013; WELZER-LANG, 2001). Bourdieu (2014) já ressaltava que as mesmas tarefas realizadas por homens e mulheres se tornam nobres e difíceis quando realizadas por homens, e imperceptíveis se forem realizadas por mulheres. Assim, esse acúmulo de tarefas domésticas ainda é visto de forma natural como responsabilidade feminina (NASCIMENTO et al., 2009).

As tarefas domésticas com as quais os homens se ocupam mais se referem, primeiramente, àquelas que são mais valorizadas no ambiente externo, que lhes propiciam resolvê-las em um ambiente fora do espaço doméstico, como idas a banco, casas lotéricas, assuntos referentes a seguros, impostos, isto é, demandas domésticas administrativas (PERISTA, 2002). A respeito das atividades internas, eles contribuem com suas habilidades para consertar equipamentos domésticos e realizar reparos na casa, cujas habilidades muitas vezes foram desenvolvidas desde a infância (ARAÚJO et al., 2019; IBGE, 2017; PERISTA, 2002).

Nota-se também a concentração de esforços na produção de itens para o próprio consumo e pequenos consertos, como a compra ou manutenção do carro, da casa e de aparelhos eletrônicos, para os quais tendem a se mostrar especialistas (IBGE, 2017; TSAI, 2010). Desse modo, o que se verifica é que não há divisão de responsabilidades, os homens atuam pouco nas tarefas domésticas e tendem a supervalorizar sua tímida contribuição (JABLONSKI, 2007), com a participação mais vinculada a um papel de ajudante da mulher.

Além da divisão e dos status das atividades serem desiguais, diferem também os propósitos na execução das tarefas. Enquanto as atividades exercidas pela mulher visam atender ao bem comum da casa, as praticadas pelo homem geralmente visam primeiro ao atendimento da sua própria necessidade. Por exemplo, a limpeza da roupa: a mulher usa sua mão de obra para lavar a roupa de todos da casa; o homem, quando se ocupa dessa atividade, tende a lavar só a própria roupa (YUCEL, 2018; PERISTA, 2002). Nas tarefas domésticas, o homem busca ficar com atividade percebida como a mais nobre e que lhe dá mais oportunidade de usar sua criatividade, como a preparação das refeições, em vez da limpeza da casa (PERISTA, 2002).

Outro fator que atinge a participação masculina diz respeito ao nível de instrução e de renda dos cônjuges, sendo que a influência será mais positiva e participativa quanto mais alto for o nível de educação dos pais (COLES; HEWITT; MARTIN, 2018; HEARN, 2014; LOBEL et al., 2001). Ainda assim, essa participação ainda é restrita a tarefas que não exigem muito do homem, como a alimentação do filho e outras atividades básicas (BENETTI; ROOPNARINI, 2006; PERISTA, 2002). Melo, Considera e Di Sabbato (2007) consideram que, também no caso do Brasil, as desigualdades sociais contribuem para o retrocesso na conquista de espaço para as mulheres, sendo que a alteração no papel feminino não resultou em mudança do papel masculino.

Nesse sentido, pode-se dizer que uma desigualdade ainda vigora entre os papéis sociais do homem e da mulher, uma vez que a mulher passou a se desdobrar para exercer atividades econômicas, para além das atividades domésticas, enquanto o homem continua tendo seu papel voltado, em sua maior parte, para o mundo público e pouco para o privado (ÓSORIO, 2019; CONNELL; PEARSE, 2015; ARRUDA; LIMA, 2013; NASCIMENTO et al., 2009). Outra questão importante em relação ao Brasil diz respeito à pouca alteração no âmbito da masculinidade referente à divisão dos cuidados com as crianças e às tarefas do lar. Devido à cultura machista brasileira, o cuidado continua sendo vinculado ao feminino (ARRUDA; LIMA, 2013; BORSA; NUNES, 2011; NASCIMENTO et al., 2009; PERISTA, 2002; TANURE, CARVALHO NETO; ANDRADE, 2006; MOTA-SANTOS et al., 2019).

Na esfera internacional também é encontrada essa perspectiva. De acordo com pesquisa realizada por Kullik (2016) entre casais israelenses, mesmo em casos em que as mulheres são

as provedoras do lar, a realização dos trabalhos domésticos ainda recai sobre elas, devido ao entendimento de que esses afazeres são atrelados ao papel feminino. Pode-se acrescentar também o trabalho de Casinowsky (2013), referente a uma pesquisa realizada na Suécia, em que, caso a profissão exercida pela mulher e pelo homem envolva viagens de trabalho, a mulher ainda terá uma fonte de estresse maior do que a do homem, devido à percepção de que a responsabilidade com a organização do lar é um exercício do papel feminino. Esse raciocínio persiste quando se analisam as escolhas profissionais distintas, por exemplo, entre médicos e contadores na Grã-Bretanha, conforme sinalizam Crompton e Lyonette (2011): a principal diferença entre as trajetórias de carreira ainda se refere à sobrecarga de trabalho feminino no tocante às tarefas domésticas e ao cuidado aos filhos.

No Brasil, pesquisa realizada por Mota-Santos et al. (2019), compara variáveis presentes em carreiras de mulheres executivas e mulheres atuantes no serviço público. A pesquisa ressalta que tanto as executivas como as servidoras públicas estão muito mais empoderadas financeiramente quando comparadas com seus pares amorosos, homens. Entretanto, mesmo empoderadas financeiramente, elas não conseguem sair do papel social imposto pela dominação masculina. Alves de Carvalho (2018) também demonstra que mesmo tendo a escolaridade mais alta do que o marido, as mulheres continuam a serem mais responsáveis e responsabilizadas por seus parceiros pelos cuidados com os filhos, tarefas domésticas e decisões diárias.

Todas essas diferenças acabam por restringir o desenvolvimento profissional da mulher, enquanto privilegia a atuação do homem no mundo público (ARRUDA; LIMA, 2013). A percepção do que é ser masculino envolve a divisão das tarefas realizadas pelos homens e, nesse quesito, as tarefas de casa ainda não são divididas por eles. Eles não se sentem corresponsáveis por sua execução (GUPPY; SAKUMOTO; WILKES, 2019; JABLONSKI, 2007; SILVA; PICCININI, 2007; WANG; JABLONSKI; MAGALHÃES, 2006). Assim, este estudo assume como pressuposto que apesar de todas as mudanças sociais e dos questionamentos correlatos à masculinidade, os homens casados, pais e trabalhadores ainda participam bem menos da divisão do trabalho doméstico quando comparado as companheiras que também estão atuantes no mercado de trabalho. Ou seja, apesar de mudanças no mercado de trabalho (entrada e permanência das mulheres), no ambiente do lar, poucas alterações ocorreram em relação à divisão das tarefas.

3 MÉTODO DE PESQUISA

Este estudo procurou identificar os fatores que estabelecem, a partir do enfoque masculino, a atuação do homem no âmbito doméstico quanto à divisão de tarefas do lar com a companheira na rotina do casal. A estratégia de pesquisa utilizada no trabalho foi a qualitativa, de caráter descritivo, e o método adotado foi o estudo de caso.

Participaram deste estudo 25 homens casados, pais, trabalhadores, sendo nove entrevistados da cidade de Belo Horizonte, sete participantes de Ouro Preto e nove do distrito de Ouro preto que se chama Cachoeira do Campo. Esta amostra foi selecionada visando analisar a percepção dos homens em diferentes regiões, visto que as mudanças relacionadas à vida pessoal dependem também da cultura local. Além disso, a escolha dos participantes foi motivada pela acessibilidade dos pesquisadores, os quais residem na proximidade do campo estudado. O Quadro 1 apresenta a caracterização dos participantes do estudo.

Quadro 1. Caracterização dos participantes do estudo

Entrevistado	Idade	Número de filhos	Cidade	Formação	Profissão
E-01	48 anos	1 (2 anos)	Belo Horizonte	Pós-doc Ciências Ambientais	Professor Pós-graduação
E-02	47 anos	2 (19 e 21 anos)	Belo Horizonte	Doutorando Administração	Contador e Professor Universitário
E-03	43 anos	1 (16 anos)	Belo Horizonte	Especialista Financeiro	Analista Bolsa de Valores
E-04	39 anos	1 (8 anos)	Belo Horizonte	Administrador	Vendedor
E-05	38 anos	1 (4 anos)	Belo Horizonte	Especialista Marketing	Consultor e Professor Pós-Graduação
E-06	37 anos	3 (trigêmeos 3 anos)	Belo Horizonte	Advogado	Advogado
E-07	47 anos	3 (22, 9 e 4 anos)	Belo Horizonte	Mestrando em administração	Engenheiro
E-08	30 anos	1 (6 meses)	Belo Horizonte	Doutorando em Administração	Administrador e Professor Universitário
E-09	50 anos	2 (21 e 17 anos)	Belo Horizonte	Geografia	Professor Rede Municipal
E-10	33 anos	1 (1 ano e 11 meses)	Ouro Preto	Engenheiro civil e do Trabalho	Engenheiro
E-11	35 anos	1 (16 anos)	Ouro Preto	Psicanalista	Psicanalista
E-12	47 anos	2 (15 e 12 anos)	Ouro Preto	Doutor Engenharia de Materiais	Professor universitário
E-13	31 anos	1 (7 anos)	Ouro Preto	Administração, cursando Matemática	Guarda municipal
E-14	36 anos	1 (1 ano)	Ouro Preto	D - Saúde Coletiva	Professor Universitário
E-15	43 anos	2 (23 e 19 anos)	Ouro Preto	Educação Física	Funcionário Público e Professor
E-16	60 anos	3 (33, 30 e 21 anos)	Ouro Preto	Engenharia	Empresário
E-17	43 anos	2 (17 e 9 anos)	Cachoeira do Campo	História	Corretor de Imóveis
E-18	30 anos	1 (2 anos)	Cachoeira do Campo	Estudante Engenharia	Funcionário Público e Privado
E-19	59 anos	2 (40 e 29 anos)	Cachoeira do Campo	Meio Ambiente	Funcionário Público
E-20	35 anos	2 (4 e 3 anos)	Cachoeira do Campo	E - Controladoria	Diretor Financeiro
E-21	51 anos	2 (17 e 7 anos)	Cachoeira do Campo	E - Psicologia Bíblica	Funcionário Público e Pastor
E-22	42 anos	3 (22, 19 e 14 anos)	Cachoeira do Campo	Administrador	Administrador
E-23	47 anos	1 (14 anos)	Cachoeira do Campo	Administrador	Administrador
E-24	51 anos	3 (24, 20 e 17 anos)	Cachoeira do Campo	História	Professor e Coordenador Escolar
E-25	62 anos	2 (24 e 19 anos)	Cachoeira do Campo	Doutorado Engenharia	Professor Universitário

Referente às características sócio demográficas, 56% dos entrevistados variavam entre 27 e 44 anos de idade e 44% encontravam-se da faixa etária entre 45 e 62 anos. Os entrevistados possuem entre um e três filhos. Estão cursando ou já possuem nível superior, e aproximadamente 47% (12) possui pós-graduação stricto ou lato sensu. Cabe ressaltar que o acesso à educação se mostra mais restrito aos moradores das cidades de Ouro Preto e Cachoeira do Campo. Além disso, os entrevistados trabalham em diferentes setores da economia, divididos em ocupações formais, com carteira assinada, informais e autônomos. Referente a ocupação das esposas, dezoito trabalham fora de casa e sete estavam momentaneamente afastadas do mercado de trabalho, no momento que as entrevistas ocorreram.

Antes da coleta de dados, foram realizadas sete entrevistas piloto, sendo três delas na cidade de Ouro Preto e quatro em Belo Horizonte. Após algumas alterações no roteiro de entrevista semiestruturada, que foi a técnica de coleta de dados escolhida, iniciou-se a atividade de pesquisa de campo oficial. A coleta foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas, com questões referentes à rotina de trabalho, conciliação com a vida pessoal, à rotina das esposas, à divisão dos cuidados para com o lar. Ademais, antes do início das entrevistas, o pesquisador apresentava o objetivo do estudo e garantia o sigilo à identidade dos entrevistados.

Os primeiros participantes foram acessados com base na rede de relacionamentos dos pesquisadores. Em seguida, foi utilizada a técnica de *snowball sampling*. Ao final das entrevistas era solicitado que cada um deles indicasse outros potenciais participantes (VINUTO, 2016). O fim da coleta deu-se a com base no critério de saturação teórica, que sugere a interrupção dos dados quando estes começam a se mostrar repetitivos ou quando o acréscimo de conhecimento é muito baixo (GASKELL, 2002; EISENHARDT, 1989).

Conforme procedimento de estudo de caso, o tratamento dos dados deu-se primeiramente pela leitura “flutuante” (BARDIN, 2016) do material, seguiu pela indicação de um código para cada conteúdo encontrado nas entrevistas realizadas e transcritas. Prosseguiu-se pela análise temática, na qual se utilizou de frases ou parágrafos como unidades de análise, seguido do processo de enumeração, escolhendo assim as regras de contagem por representatividade e finalizou com a etapa da classificação e agregação, ou seja, a escolha das categorias. Ressaltamos que o processo de codificação utilizado se caracteriza como indutivos, pois partimos das observações que emergiram das entrevistas e das falas dos participantes para construção das categorias.

Ademais, com base nos indicadores de validade e confiabilidade apresentados por Castro e Rezende (2018), o presente estudo apresenta como critérios factíveis de validade interna: a apresentação do framework teórico da literatura e a utilização de um conjunto de categorias, bem como a descrição detalhada do processo de análise de dados da pesquisa. A validade externa no artigo, ocorre mediante a definição dos critérios de seleção apresentados, da descrição dos contextos dos casos estudados, e da comparação entre resultados da pesquisa e teoria. Por fim, a confiabilidade ocorre a partir da menção dos tópicos abordados no roteiro de entrevista; declaração dos objetivos, questão de pesquisa e pressuposto; menção ao corpus de pesquisa/análise, pré-teste do roteiro de entrevista, gravação das entrevistas e transcrição literal.

4. RESULTADOS

Dos dados encontrados foi possível encontrar três categorias de análise: a) falta de tempo para as tarefas do lar dos que trabalham muito; b) as atividades do lar trazem satisfação; c) mudança de posicionamento do homem quando se fala do lar.

4.1 *Falta de tempo para as tarefas do lar dos que trabalham MUITO...*

“[...] quase na grande maioria das vezes já não consigo fazer mais nada”.

Em seus discursos, os entrevistados apontam a dificuldade de colocar em prática a divisão das tarefas domésticas devido à falta de tempo disponível para atuar nas tarefas da casa. Um entrevistado declara: “Eh, eu acho assim, eu gostaria que a minha esposa trabalhasse menos, sem dúvida nenhuma, mas eu também não tenho tempo nem ânimo para poder fazer atividades domésticas. Então isso, ehh, eu trabalho demais pra chegar em casa ainda e... eu não tenho ânimo” (Entrevistado 08). O entrevistado 15 corrobora esse entendimento em sua fala que “às vezes, eu vou chegar em casa é 21h, 22h da noite e morto de cansado e quase na grande maioria das vezes já não consigo fazer mais nada”.

Pesquisa do IBGE de 2019 quantifica a participação masculina nas atividades do lar como sendo aproximadamente metade do tempo gasto pelas mulheres, sendo 21,4 horas dedicadas pelas mulheres comparada a 11 horas dedicadas pelos homens. A falta de tempo para as tarefas do lar devido ao trabalho, na visão de seis entrevistados da cidade de Belo Horizonte, foi justificada por todas as demandas que uma cidade grande exige, tais como mais tempo no trânsito, percursos maiores entre casa e trabalho, entre outras. Contudo, além destas demandas, esses depoimentos respaldam a divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres, além de reforçar as práticas tradicionais que sobrecarregam a figura feminina com o trabalho do lar (ZANELLA; ROSE, 2019; FOSTER; STRATTON, 2019; CERRATO; CIFRE, 2018; COURTENAY, 2009; NASCIMENTO et al., 2009).

Esse discurso de falta de tempo para a execução das atividades domésticas pretende ser explicado pelos esforços realizados para o trabalho externo. Entretanto, os participantes afirmam que muitas mulheres também atuam profissionalmente fora do lar e mesmo assim executam as tarefas domésticas diárias da casa, despendendo em tais trabalhos mais que o dobro do tempo gasto por eles. Em consonância, pesquisas exibem que mesmo as mulheres que trabalham e estudam, não detêm do privilégio de ficarem isentas das obrigações domésticas, assumindo, assim, uma tripla jornada (MOTA-SANTOS et al., 2021). Desta forma, percebe-se que, além da falta de tempo, nota-se que a desigualdade vigora entre os papéis sociais entre homens e mulheres, visto que as mulheres passaram a se desdobrar para exercer atividades para além das atividades domésticas, enquanto os homens continuam tendo seu papel voltado majoritariamente para o mundo público e pouco para o privado (ÓSORIO, 2019; CONNELL; PEARSE, 2015; ARRUDA; LIMA, 2013; NASCIMENTO et al., 2009).

Alguns entrevistados afirmam não haver problemas em dividir as atividades domésticas, todavia, sua participação é mínima, pois contam com esposa ou a colaboração profissional de uma diarista, às vezes chamada de “secretária” ou empregada doméstica: “As tarefas da casa ficam por conta da minha esposa e da empregada” (Entrevistados 11 e 16). Logo, a participação é em colaborar, sem a responsabilidade exclusiva em relação a alguma execução de tarefa e/ou em realmente dividir as responsabilidades.

Nenhum dos entrevistados afirmam o desejo em dividir igualmente as atividades, sempre referindo-se no papel de ajudante e responsabilizando as mulheres sobre os afazeres domésticos. Em consonância, Mota-Santos et al. (2021) apontam que as mulheres também destacam a pequena contribuição dos companheiros nas atividades do lar, referindo essas ações como “ajuda” e evidenciando o papel delas nas obrigações com o lar e com os filhos.

Por outro lado, apenas dois entrevistados (06 e 17) afirmam não terem dificuldades na relação entre trabalho e vida pessoal, pois são profissionais autônomos e, dessa forma, conseguem conciliar as demandas do trabalho com as demandas do lar: “Como meu trabalho é informal, eu consigo encaixar os horários pra... pra coisas da casa e da família, né?” (Entrevistado 6). Do mesmo modo, o Entrevistado 17 menciona que “o meu horário é mais flexível, que eu consigo fazer da forma que vai me atender profissionalmente e atender às demandas da casa e também dos filhos”. Cabe salientar que a verdadeira alteração nos papéis de gênero e superação das resistências culturais demandam muito além de uma mera “ajuda” ou disponibilidade de mais tempo para atividades do lar. Ocorre, raramente, quando o homem

reconhece e se sente responsável pela execução (PICANÇO et al., 2021; GUPPY et al., 2019; JABLONSKI, 2007; SILVA; PICCININI, 2007).

4.2 As atividades do lar trazem satisfação?

“Às vezes passo alguma roupa, mais as minhas mesmas”.

Os entrevistados detalharam ter preferência por executar determinadas atividades no lar em espaços como a cozinha, preparando refeições e lanches em datas especiais. Note-se que em datas especiais já mostra que não é o caso de incorporarem a cozinha em suas atividades diárias, e sim somente em ocasiões festivas, ou seja, raramente. Eles também citam tarefas que atendam à sua necessidade, como passar a própria roupa e realizar a limpeza de espaços considerados comumente masculinos da casa, como a garagem e o jardim. Como explicitam em seus depoimentos: “às vezes passo alguma roupa, mais as minhas mesmas” (Entrevistado 18). “Eu gostaria de... de cozinhar mais, que eu gosto, né? É... por isso que no sábado eu cozinho, né? É... geralmente isso: poder cozinhar mais pra família toda, né, pra casa, né?” (Entrevistado 21).

As publicações de Araújo et al. (2019), Arruda e Lima (2013), Borsa e Nunes (2011), Nascimento, Segundo e Barker (2009) e Bruschini (2007) reiteram a atuação masculina nas tarefas domésticas aparecendo como uma atividade de auxílio ao trabalho feminino, não sendo ainda percebida como uma responsabilidade intrínseca à atuação do homem (FIORIN, OLIVEIRA; DIAS, 2014). Difere também a finalidade na execução das atividades entre homens e mulheres, uma vez que as atividades executadas pelos homens no lar visam atender primeiro às suas próprias necessidades, como lavar a própria roupa, ou ainda as atividades vistas como mais nobres e que permitam o uso da criatividade, como cozinhar (ARAÚJO et al., 2019; YUCEL, 2018; IBGE, 2017; PERISTA, 2002). Evidências encontradas nesta pesquisa revelam similaridades com a literatura como quando os declarantes admitem uma participação que na verdade é mais uma ajuda e feita em atividades bem específicas. Além de supervalorizarem a sua tímida participação (JABLONSKI, 2007).

Um grupo menor de entrevistados declarou sua vontade em atuar de forma mais geral nas atividades domésticas, sendo esses homens residentes em sua maioria no distrito Cachoeira do Campo, seguido por Belo Horizonte: “eu faço de tudo. Se precisar de lavar banheiro eu lavo, se precisar de varrer a casa eu varro. Eu faço de tudo, não tenho problema em relação a essa questão. Então a gente divide as tarefas” (Entrevistado 6). O Entrevistado 9 afirma que em “(...) dia de sábado eu tenho por hábito arrumar a casa. Então todo sábado de manhã eu arrumo minha casa, eu faço questão. Eu uso a casa. Então eu faço questão de limpar”. Embora os entrevistados declarem a sua vontade em atuar de forma mais igualitária e reconheçam os esforços de suas esposas, os relatos confirmam a participação mínima e comportamentos sutis desses homens que visam mudar esta realidade. Além disso, ainda se nota a tendência a realizar atividades externas e que detém maior status. Por exemplo, o entrevistado 6 acima diz que “se precisar’ ele lava banheiro... ora, sempre precisa, não se trata de uma eventualidade, como se o banheiro pudesse ficar sem ser limpo...”.

Pesquisa internacional realizada por Leopold (2019) na Alemanha Ocidental mostra que a participação dos homens com o trabalho doméstico aumentou. No Brasil, de acordo com dados coletados pelo IBGE (2017) houve aumento da participação masculina nas tarefas domésticas, de 2001 a 2015, com um crescimento desta participação de 45% para 55%. Corroborar este entendimento o estudo desenvolvido pelo PNAD Continua (2017), no período de 2016 e 2017, no qual os dados revelam maior participação masculina mensurada na taxa de realização de atividades em grupos de homens a partir de 25 anos em 88,4% e 85,6% para o grupo acima de 50 anos de idade. Dados do IBGE (2019) mostram que os homens de 60 anos ou mais de idade apresentam a maior média de horas semanais dedicadas aos cuidados de

pessoas e/ou afazeres domésticos, sendo aproximadamente 12,5 horas. Esses dados podem estar relacionados com a saída desses homens do mercado de trabalho e maior disponibilidade de tempo para se dedicar a outras atividades. Privilégio que não é dado às mulheres, visto que, em quase todas as etapas de sua vida, elas assumem dupla ou tripla jornada.

Em relação ao tipo de trabalho do homem e ao número de filhos dos entrevistados, os dados revelam que tal disposição (que não necessariamente aparece na prática como horas de dedicação) para atuar nas atividades domésticas está presente independentemente do alto ou baixo grau de qualificação, assim como de um número maior ou menor de filhos dos entrevistados das três localidades pesquisadas. Em consonância ao exposto, a literatura trata de um homem contemporâneo que apresenta uma certa mudança de comportamento, tal como uma postura um pouco mais ativa que se refere à sua participação na divisão de tarefas da casa (ROCHA-COUTINHO, 2004). Essa mudança no comportamento masculino, segundo Teykal e Rocha-Coutinho (2007), é resultado de alterações sociais do papel masculino na família, como a perda do posto de provedor do lar e a ausência da mulher no espaço doméstico para a inserção no mercado de trabalho. Assim, tais mudanças, apesar de muito pequenas, impulsionam os homens a se adaptarem às novas realidades sociais.

4.3 Mudança de posicionamento do homem quando se fala do lar

“Não acho que tira minha hombridade se eu fizer”.

Apesar do pouco tempo dedicado às tarefas do lar, alguns entrevistados relatam que dividem com a esposa as tarefas do lar e que percebem que não há impacto negativo na identidade deles por esse fato, como se percebe na fala a seguir: “então, eu acho que tem que ser dividido. Então, essas tarefas não me fazem menos homem nem mais homem se eu estiver fazendo. Não acho que tira minha hombridade se eu fizer. Eu faço na tranquilidade de saber que isso é também um dever meu como homem e como esposo dela, entendeu? (Entrevistado 6). Algumas falas dos entrevistados podem refletir uma mudança no posicionamento de alguns homens quanto à sua atuação nas tarefas da casa. Isso fica evidente no discurso do entrevistado 5: “[...] quando eu fui morar com a minha esposa é que eu fui entendendo que as coisas têm que ser divididas, eu não tinha nenhum preconceito, nada disso. Mas eu não tinha nenhum hábito de preocupar com a casa, foi uma construção”.

Esta mudança de comportamento pode representar, talvez, uma abertura para novas percepções sociais quanto à atuação de ambos na sociedade e no lar. Martínez e Parterna-Bleda, (2013) reforçam que as alterações nos papéis sociais femininos provocam mudanças na forma de ser masculino, uma vez que toda alteração na feminilidade incorrerá em uma mudança na masculinidade, e vice-versa. Essas mudanças possibilitam a reflexão sobre os espaços nos quais os homens façam novas construções de sua masculinidade, como um homem mais sensível, aberto ao diálogo e à criação de laços afetivos, mais próximo da família e com maior participação de fato nas atividades do lar (ARAÚJO, 2005; FREITAS, 2002).

Um aspecto destacado por poucos entrevistados é a divisão das atividades domésticas baseada na boa convivência no lar e nos valores de respeito à esposa:

“E assim, né, minha esposa ela trabalha, né, ela trabalha assim como eu trabalho e tem que ter a cooperação, entendeu, se não a pessoa até estressa, fica doente de tanta coisa, de tanta preocupação. Então, assim, tem que ter essa divisão, tem que ter essa cooperação, senão o casamento nem dá certo também, que se só um fazer e o outro ficar só olhando, vamo falá assim, e não existe isso mais, já foi a época (Entrevistado 20).

Logo, um achado desta pesquisa diz da percepção masculina sobre a divisão de tarefas do lar como baseada na boa convivência. As alterações ensejadas nos papéis sociais de homens e mulheres culminam em mudanças refletidas nas relações e nas atitudes entre as pessoas na sociedade. Se, antes, realizar tarefas domésticas não era visto como uma tarefa também do homem, na atualidade há até mesmo uma cobrança social para que o homem atue e colabore nas tarefas domésticas da casa, conforme discutido anteriormente. É importante ressaltar que os dados desse estudo são baseados nas percepções e falas dos homens, e que as mulheres não foram ouvidas. Assim, com base em outros estudos, é possível refletir se essa maior divisão das tarefas do lar também sofre influência do avanço das mulheres no mercado de trabalho, da maior qualificação profissional e do empoderamento financeiro (MOTA-SANTOS et al., 2019; FIORIN et al., 2014), onde elas também dividem ou assumem majoritariamente o papel de sustento da casa, e assim buscam negociar uma postura mais ativa nas atividades do lar por parte de seus companheiros.

As falas de alguns entrevistados mostram que a mudança de percepção do masculino quanto à responsabilidade das tarefas domésticas alcança um patamar ainda não vislumbrado pela maioria dos entrevistados neste estudo. Entretanto, alguns deles procuram realizar essas atividades visando contribuir para a boa convivência no lar e, na visão deles, demonstrar respeito à companheira. Isso fica evidente também no relato a seguir, do entrevistado 14: “[...] o respeito e obrigatoriedade com a outra pessoa em dividir esse trabalho diz um pouco do respeito que a gente tem através da divisão das tarefas domésticas”. Estudos evidenciam que essa obrigatoriedade e respeito à divisão das tarefas domésticas pode estar associada à crise do masculino e ao novo cenário familiar, diante da saída da mulher para o trabalho e o acréscimo de sua remuneração para manutenção do lar, bem como da perda de referência masculina como autoridade e único provedor e a feminina como submissa às tarefas do lar (MATOS, 2011; MIRANDA, 2010; CREPALDI et al., 2006; GIFFIN, 2005).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou as percepções de homens trabalhadores, pais, casados e qualificados sobre a divisão das atividades domésticas quando se compara à dedicação das companheiras que atuam ou atuaram no mercado de trabalho, considerando que dezoito trabalham fora de casa e sete estavam momentaneamente afastadas do mercado de trabalho, no momento que as entrevistas ocorreram.

Dos dados encontrados foi possível encontrar três categorias de análise: a) falta de tempo para as tarefas do lar; b) as atividades do lar trazem satisfação; c) mudança de posicionamento do homem quando se fala do lar.

Os achados agregam informações quanto aos motivos que levam os homens a participarem menos da divisão do trabalho doméstico. Além da falta de tempo no lar devido ao trabalho exercido por eles na arena pública, é perceptível uma forte questão cultural que paira sobre esse aspecto, uma vez que a atividade laboral fora do lar, mesmo quando exercida tanto pelo homem quanto por sua esposa, ainda é o fator alegado para uma contribuição efetivamente mais reduzida dos homens nas atividades do lar.

Este artigo expande a discussão referente ao reconhecimento masculino quanto à sobrecarga de trabalho doméstico na vida da mulher, e à dificuldade dos homens em enxergarem as tarefas domésticas que precisam ser realizadas. Antes o homem tinha a mulher como uma companheira do lar. Hoje, a mulher exerce um papel mais amplo na sociedade, pois além de ser uma companheira, atua em uma carreira profissional, cuida da casa e dos filhos.

Cabe reforçar que ainda há um longo caminho em relação às alterações nas perspectivas sociais quanto ao equilíbrio da divisão de tarefas domésticas. São necessárias outras reflexões e futuras investigações sobre o posicionamento tradicional adotado por homens para que se possa pleitear uma divisão social mais igualitária. Além disso, pesquisas futuras podem

explorar as perspectivas sobre a divisão das atividades domésticas dos homens sobre sob a ótica da teoria do conflito trabalho-família.

Por fim, este estudo contribui também ao reforçar a importância do debate sobre os papéis sociais realizados tanto por homens como por mulheres. Este aspecto é de vital importância rumo à equidade de gênero no ambiente de trabalho e no lar. Neste contexto, sugere-se que futuras pesquisas investiguem a percepção das esposas dos entrevistados quanto à temática, realizando uma comparação entre a percepção feminina e a masculina.

O recorte territorial para realização deste estudo mostra-se como uma limitação, desse modo recomendamos a sua replicação em outras regiões, visando investigar como as questões culturais locais atravessam os comportamentos masculinos no espaço domiciliar.

REFERÊNCIAS

- AMORÓS, M. D.; MUÑIZ TERRA, L. M.; DONOSO, Gabriela Rubilar. El trabajo doméstico y de cuidados en las parejas de doble ingreso. Análisis comparativo entre España, Argentina y Chile. 2019.
- ARNOLD, S. et al. International perspective on factors influencing the performance of housework: a scoping review. **British journal of occupational therapy**, v. 81, n. 12, p. 687-699, 2018.
- ARRUDA, S. L. S.; LIMA, M. C. F. O novo lugar do pai como cuidador da criança. **Estudos interdisciplinares em Psicologia**, v. 4, n. 2, p. 201-216, 2013.
- ARAÚJO, C. et al. (Ed.). **Gênero, família, e trabalho no Brasil do século xxi: mudanças e permanências**. Gramma Editora, 2019.
- BADINTER, E. XY: Sobre a identidade masculina. 2^a. Ed. **Rio de Janeiro: Nova Fronteira**, 1993.
- BAÉRE, F.; ZANELLO, V. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em estudo**, v. 25, 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BENETTI, S. P. C.; ROOPNARINE, J. L. Paternal involvement with school-aged children in Brazilian families: association with childhood competence. **Sex Roles**, v. 55, n. 9, p. 669-678, 2006.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Continuities and changes in the role of brazilian woman in the 20th century. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, p. 233-239, 2000.
- BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, v. 29, n. 64, 2011.
- Bourdieu, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- BRUSCHINI, C.; PUPPIN, A. The work of executive women in Brazil in the late 20th century. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, p. 105-138, 2004.
- BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, p. 537-572, 2007.
- CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. Do ponto de vista da mulher: abordagens feministas em estudos organizacionais. **Handbook de estudos organizacionais**, v. 1, p. 275-329, 1999.
- CAMPOS, C. C.; MUÑOZ, L. S. Relações de gênero e organização em casais que trabalham fora de casa: execução vs. responsabilidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, 2018. Carmo, O. A. D. (2010). Os homens e a construção e reconstrução da identidade de gênero. *Proceedings of the 1st Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca*.
- CARRIERI, A. P.; DINIZ, A.; SOUZA, E. M.; MENEZES, R. S. S. Gender and work: representations of femininities and masculinities in the view of women Brazilian executives. **BAR-Brazilian Administration Review**, v. 10, p. 281-303, 2013.
- CARVALHO, A. A. Sexual division of housework, daily decision-making and child care: analyses of high education couples experience in Belo Horizonte, Brazil. **PUNTO GENERO**, n. 10, p. 21-40, 2018.
- CASINOWSKY, G. B. Working life on the move, domestic life at standstill? Work-related travel and responsibility for home and family. **Gender, Work & Organization**, v. 20, n. 3, p. 311-326, 2013.
- CASTRO, J. M.; REZENDE, S. F. L. Validade e confiabilidade de estudos de casos qualitativos em gestão publicados em periódicos nacionais. **Revista Organizações em Contexto**, v. 14, n. 28, p. 29-52, 2018.
- CASTRO, G. H. C.; SIQUEIRA, M. V. S. They'll think it's a joke, but for us, it is not!": speeches of resistance from Brazilian gay soccer clubs. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, p. 1058-1070, 2021.

- CERRATO, J.; CIFRE, E. Gender inequality in household chores and work-family conflict. **Frontiers in psychology**, v. 9, p. 1330, 2018.
- CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. Cortez Editora, 2015.
- COLES, L.; HEWITT, B.; MARTIN, B. Contemporary fatherhood: social, demographic and attitudinal factors associated with involved fathering and long work hours. **Journal of Sociology**, v. 54, n. 4, p. 591-608, 2018.
- CONNELL, R.W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & society**, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005.
- COURTNEY, J. Real men do housework: ethos and masculinity in contemporary domestic advice. **Rhetoric Review**, v. 28, n. 1, p. 66-81, 2009.
- SOARES, A. B.; BRITO, A. D.; MEDEIROS, H. C. P. Competência social de professores segundo mães e pais de alunos. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 03-22, 2021.
- CROMPTON, R.; LYONETTE, C. Women's career success and work-life adaptations in the accountancy and medical professions in Britain. **Gender, Work & Organization**, v. 18, n. 2, p. 231-254, 2011.
- PRIORE, M. del. Pais de ontem: transformações da paternidade no século XIX. **História dos homens no Brasil**, p. 153-184, 2013.
- D'INCAO, M. A. **Mulher e família burguesa**. 2015. DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997. 678 p. 1997.
- ECCEL, C. S.; GRISCI, C. L. I. Work and gender: the production of masculinities in the perspective of women and men. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 9, p. 57-78, 2011.
- EISENHARDT, K. M.; GRAEBNER, M. E. Theory building from case study research. **Academy of Management Review**, v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989.
- FIORIN, P. C.; OLIVEIRA, C. T.; DIAS, A. C. G. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 15, n. 1, p. 25-35, 2014.
- FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em estudo**, v. 8, p. 31-38, 2003.
- FOSTER, G.; STRATTON, L. S. What women want (their men to do): Housework and Satisfaction in Australian Households. **Feminist Economics**, v. 25, n. 3, p. 23-47, 2019.
- FREITAS, M. A. A masculinidade hegemônica na cultura brasileira. 2002.
- FRIEDMAN, S. Still a “stalled revolution”? Work/family experiences, hegemonic masculinity, and moving toward gender equality. **Sociology Compass**, v. 9, n. 2, p. 140-155, 2015.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2017.
- GIFFIN, K. Men's entrance into gender studies: contributions of an historical subject. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, p. 47, 2005.
- GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 20, p. 119-125, 2004.
- GUPPY, N.; SAKUMOTO, L.; WILKES, R. Social change and the gendered division of household labor in Canada. **Canadian Review of Sociology**, v. 56, n. 2, p. 178-203, 2019.
- HEARN, J. Introduction: international studies on men, masculinities, and gender equality. **Men and Masculinities**, v. 17, n. 5, p. 455-466, 2014.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama, história e fotos**. Belo Horizonte: IBGE. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua**:

- Outras Formas de Trabalho 2017.** Brasil: PNAD, 2017. Disponível em: <https://loja.ibge.gov.br/pnad-continua-outras-formas-de-trabalho-2017.html>.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil:** IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=outros-links>.
- JABLONSKI, B. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. **Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**, p. 203-228, 2007.
- JABLONSKI, B. The division of household labor between men and women in everyday marriage life. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010.
- JUNG, A.; O'BRIEN, K M. The profound influence of unpaid work on women's lives: an overview and future directions. **Journal of Career Development**, v. 46, n. 2, p. 184-200, 2019.
- KULIK, L. Explaining Men's and Women's Participation in household labor: is there a need to reconsider existing theoretical perspectives?. **Asian Women**, v. 32, n. 4, 2016.
- LEMONS, A. H. C.; BARBOSA, A. O.; MONZATO, P. P. Women in home office during the covid-a9 pandemic and the work-family conflict configurations. **Revista de administração de empresas**, v. 60, p. 388-399, 2021.
- LEOPOLD, T. Diverging trends in satisfaction with housework: Declines in women, increases in men. **Journal of Marriage and Family**, v. 81, n. 1, p. 133-144, 2019.
- LOBEL, T. E. SLONE, M.; ASHUACH, Y.; REVACH, I. Division of household labor and social judgments in Israel: the influence of gender and education. **Journal of Marriage and Family**, v. 63, n. 3, p. 829-839, 2001.
- MARTÍNEZ, C.; PATERNA-BLEDA, C. Ideología masculina e igualdad de género: valorando el neosexismo. **anales de psicología**, v. 29, n. 2, p. 558-564, 2013.
- MATOS, M. I. S. Por uma história das sensibilidades: em foco a masculinidade. **História: questões & debates**, v. 34, n. 1, 2001.
- MELO, H. P.; CONSIDERA, C. M.; DI SABBATO, A. Accounting for housekeeping activities. **Economia e Sociedade**, v. 16, p. 435-454, 2007.
- MOTA-SANTOS, C. CARVALHO NETO, A.; OLIVEIRA, P.; ANDRADE, J. Enforcing the social contribution of gender: the qualified female public servant versus the female executive. **Revista de Administração Pública**, v. 53, p. 101-123, 2019.
- MOTA-SANTOS, C.; AZEVEDO, A. P.; LIMA-SOUZA, É. A mulher em tripla jornada: discussão sobre a divisão das tarefas em relação ao companheiro. **Revista Gestão & Conexões**, v. 10, n. 2, p. 103-121, 2021.
- NASCIMENTO, M.; SEGUNDO, M.; BARKER, G. Homens, masculinidades e políticas públicas: aportes para equidade de gênero. **Rio de Janeiro: Promundo, UNFPA**, 2009.
- OSÓRIO, A.. Gender differences in competition: gender equality and cost reduction policies. **Review of Economic Design**, v. 23, n. 1, p. 27-52, 2019.
- PERISTA, H. Género e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens. **Análise social**, p. 447-474, 2002.
- PICANÇO, F.; ARAÚJO, C. M. de O.; COVRE-SUSSAI, M. Papéis de gênero e divisão das tarefas domésticas segundo gênero e cor no Brasil: outros olhares sobre as desigualdades. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 38, 2021.
- QUADLIN, N.; DOAN, L. Sex-typed chores and the city: gender, urbanicity, and housework. **Gender & Society**, v. 32, n. 6, p. 789-813, 2018.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. **Temas em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 02-17, 2004.

- SANTOS, D. F. LIMA, R. C. D.; DEMARCHI, S. M.; BARBOSA, J. P. M.; CORDEIRO, M. V. S.; SÍPIONI, M. E.; ANDRADE, M. A. C. Masculinidade em tempos de pandemia: onde o poder encolhe, a violência se instala. **Saúde e Sociedade**, v. 30, 2021.
- SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, p. 35-50, 2004.
- SEPARAVICH, M. A.; CANESQUI, A. M. Masculinidades e cuidados de saúde nos processos de envelhecimento e saúde-doença entre homens trabalhadores de Campinas/SP, Brasil. **Saúde e Sociedade**, v. 29, p. e180223, 2020.
- SILVA, M. R.; PICCININI, C. A. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, v. 24, n. 4, p. 561-573, 2007.
- SILVA, B. C. S. L.; SANTOS, T. C. C. O que é feminismo e quais são suas vertentes. **Gênero, Sexualidade e Direito: Uma introdução**, p. 40-48, 2016.
- SILVA, S. G. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 20, p. 8-15, 2000.
- SOUZA, L. F.; MACHADO, L. H. B. Casa, maternidade e trabalho no distanciamento social: a “pandemia” da sobrecarga de trabalho para as mulheres. *Revista da ANPEGE*, [S. l.], v. 17, n. 32, p. 282–308, 2021.
- TANURE, B.; CARVALHO NETO, A.; ANDRADE, J. O. A super executiva às voltas com carreira, relógio biológico, maternidade, amores e preconceitos. **Anais do Encontro Nacional do Programas de Pós-Graduação em Administração**, 2006.
- TEYKAL, C. M.; ROCHA-COHUTINO, M. L. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Psico**, v. 38, n. 3, p. 8, 2007.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.
- WANG, M.; JABLONSKI, B.; MAGALHÃES, A. S. Identidades masculinas: limites e possibilidades. **Psicologia em revista**, v. 12, n. 19, p. 54-65, 2006.
- WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, p. 460-482, 2001.
- YUCEL, D. Gender differences in relationship behaviours and attitudes among married individuals. **Families, Relationships and Societies**, v. 7, n. 2, p. 317-334, 2018.
- ZANNELLA, M.; ROSE, A. Stability and change in family time transfers and workload inequality in Italian couples. **Demographic Research**, v. 40, p. 49-60, 2019.